



Leda Tenório da Motta¹

Um altar para o deus desconhecido

Resumo: Perguntava-se Mallarmé, em *Os deuses antigos* se, acaso, algum espírito imbuído de preconceito acreditaria que as divindades já não têm mais lugar na terra. Contra tal prevenção respondia acenando com a poesia: a leitura das mais belas páginas das letras francesas mostra que nada morreu de tudo aquilo que foi um dia o culto espiritual da raça. O intento do presente artigo é destacar que a pergunta e a resposta do poeta estão no centro vivo da argumentação de Olgária Matos. Que, para ela, lendas fazem todo o sentido, aqui e agora, na situação moderna. Que a embriaguez com que se cumpre o trato do mundo antigo com o cosmos, antes que a ciência venha a desenfeitá-lo, a tem interessado muito mais que a denúncia do desencanto da ciência, nisso residindo sua marca interessante.

Palavras-chave: Olgária Matos; filosofia; literatura; Benjamin.

Abstract: Mallarmé wondered, in *The Ancient Gods*, that if some spirit, imbued with prejudice, would believe that the deities no longer have any place on earth. Against such prevention he responded by waving poetry: reading the most beautiful pages of the French letters shows that nothing died of all that was once the spiritual cult of the race. The purpose of this article is to highlight that the question and the answer of the poet are in the living center of the argumentation of Olgária Matos. That for her, legends make perfect sense, here and now, in the modern situation. That the drunkenness with which the treatment of the ancient world with the cosmos is fulfilled, before science has detracted from it, has interested it much more than the denunciation of the disenchantment of science, in this residing its interesting mark.

Keywords: Olgária Matos, Philosophy, Literature, Walter Benjamin.

¹ Pesquisadora do CNPq 1, Professora doutora no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. E-mail: ltmotta@pucsp.br .

*Benjamin não é crítico nem filósofo mas um teólogo ateu
que executa suas habilidades sobre a cultura.*
Susan Sontag, *Diários*.

A precavida e corriqueira frase reler os clássicos se reveste de inocente veracidade.
Jorge Luis Borges, *As versões homéricas/Discussão*.

Num dos fragmentos de *Rua de mão única*, aquele intitulado “Desempacotando a minha biblioteca”, Walter Benjamin conta-nos como chegou a sua coleção de livros: pesquisas em catálogos, encomendas comerciais, descobertas em livrarias, aliás inseparáveis de derivas viajantes que o levaram à conquista de cidades, heranças. Segue notando que o colecionador de obras envolve-as as “no círculo mágico” de uma “enciclopédia mágica”. Pondera que organizar uma prateleira de títulos é assimilar em termos próprios o legado das obras. E acrescenta que essa é “a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca” e que, no sentido mais elevado, “essa é a atitude do ‘herdeiro’”².

Nesta homenagem a Olgária Matos, vale então perguntar pelo modo como a mais benjaminiana das pensadoras organiza sua estante de livros. Nesse mesmo sentido, e até porque sabemos quanto Frankfurt complicou Marx ao implicá-lo, invertendo-lhe o prognóstico otimista acerca da marcha da história rumo à libertação final do homem, talvez caiba indagar também sobre a especial maneira como a homenageada assume a dívida da filosofia a que refere sua tão insistente quanto briosa crítica à decadência do presente.

Ora, quem quer que se ponha a considerar as recorrências do texto de Olgária Matos, inclusive do texto oral desta incansável palestrante, todo ele percorrido pelos mesmos requintes de formulação aforística que a filósofa reconhece na letra do texto dos pensadores alemães a que se reporta, não pode não reparar em certo “círculo mágico” que é aí delineado pela pletora de suas reservas letradas. Mais que isso, por sua especial maneira de alinhar literatura e educação, até por saber, sendo hoje entre nós uma dedicada leitora dos clássicos, que a *paideia* grega incluía Homero, cujos dizeres estavam na língua dos cidadãos bem formados. Daí toda a mitologia grega que Olgária não cessa de revolver, para ilustrar aquela sabedoria trágica acerca do humano que Nietzsche ensinou Frankfurt a considerar. Já que a tragédia grega radica

² BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*, Obras Escolhidas II. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 228 e 234.

inteiramente no mito. Daí também Charles Baudelaire, Marcel Proust, Paul Valéry e Albert Camus – para ficarmos apenas em suas referências modernas e francesas mais insistentes e nesta comunidade principal de errantes –, a também serem chamados a homologar sua crítica ao mundo “administrado”.

De fato, enquanto herdeira que é da fina inteligência egressa do Instituto de Pesquisa Social, a filósofa não deixa de remeter infinitamente a questão da vida danificada às respostas que lhe trouxeram os escritores e os poetas. De tal sorte que se pode arriscar dizer que sua forma mais pertinente de se apropriar da herança é tomá-la pelo lado do sublime benjaminiano. Isto é: contrapor à catástrofe linguagem e pensamento, à historicidade trágica, as forças da criação. É o caminho traçado pelo mais excêntrico membro do referido Instituto, Walter Benjamin, figura do filósofo “não sentado”, como diria Nietzsche³, que não apenas fez da literatura seu pré-texto, mas verteu sua filosofia numa escrita de estatura e perplexidade literárias. Para melhor compreendê-los, traduziu Proust e Baudelaire. Peregrinou aos lugares santos do romance proustiano, investigando inclusive os antros homossexuais que levam *Em busca do tempo perdido* para as margens perigosas e conspiratórias da cidade. Tomou em definitivo a direção de Paris, instalando-se na *Bibliothèque Nationale*, para se pôr a arquivar tudo o que a tradição escreveu sobre o último dos líricos possíveis na situação moderna, o autor de *As Flores do mal*. Tudo isso em meio aos preparativos do inacabado e inacabável *O trabalho das passagens*, imenso projeto existencial saído de uma primeira ideia em torno dos choques entre lirismo e capitalismo, envolvendo justamente Baudelaire.

Isso deixa entender a *discreta esperança*, para citá-la, que Olgária deposita nos artistas da palavra que o seu exposé mobiliza, vendo-os dirigir ataques-surpresa à vida controlada, capazes de devolver a potência do sonho à atualidade desencantada. É no âmbito deste contrabalanço estético da cultura do pessimismo, de resto, que celebra Maio de 1968 como celebra: enquanto coisa poética. Considerando-se que o mais valorizado por ela nessa conflagração social não sangrenta são as estocadas verbais, os golpes de estilo, as sentenças lapidares sobre os muros da cidade, as chamadas à reforma da realidade, como no manifesto de um moralista do século XVII, transplantado para a República das Letras do Quartier Latin por nome Guy Debord⁴. Enquanto o professor Adorno, que está de volta à Alemanha à época do levante francês, se indispõe com os estudantes rebelados, falando agora de cátedra, por trás dos óculos sisudos.

³ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. A filosofia a golpes de martelo. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, p. 44.

⁴ MATOS, Olgária. *Adivinhas do tempo. Êxtase e revolução*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008, p.112.

De fato, se é pelo olhar de perfeito estranhamento que voltam à modernidade factícia e tediosa que Baudelaire e Proust, seguidos de Valéry e Camus, tanto retêm Olgária, toda esta convocação não estaria inteiramente descrita se não se ressalvasse, em tempo, que, conquanto assinala, com eles, o sentimento da ruína, também estende, com eles, todas as pontes antissociais e clandestinas que levam da barbárie à civilização. Assim é que podemos surpreendê-la a comemorar, em Baudelaire, a lição de resistência que o dandismo e o *spleen* oferecem à multiplicação monótona do mesmo e à padronização da vida burguesa⁵. Em Proust, a reconquista da coincidência entre tempo e experiência pela força do *flash* da memória afetiva⁶. No Valéry dos diálogos socráticos, a réplica do tumulto interior à ciência controladora e descarnada, via certa conversa imaginária entre Sócrates e Fedro, em que vem à baila a lição do arquiteto *Eupalinos* no sentido de que toda engenharia, por mais matemática e impassível que seja, envolve emoção⁷. Em Camus, a imprevista fortuna de Sísifo que, só por conhecer a tristeza do vão trabalho de carregar eternamente um fardo nos ombros, pode saber algo do fardo da vida e nos deixar saber algo sobre como levar a vida de modo heroico⁸. Nomenclaturas recorrentes do vocabulário de Olgária Matos como “alumbramento”, “*philia*”, “*paideia*”, “*savoir faire*”, “*savoir vivre*”, e coisas de seu quadro imaginário como “escolas de tradução”, “fraseado do maio francês”, “pátina do tempo”, “gemas da terra”, falam por si sós dessa contrapartida da fineza em relação à devastação. Ou dessas “barricadas do desejo”, enfim. É todo um senso do colecionamento de joias bibliófilas para a elevação acima da existência banalizada e banal. Aquele mesmo colecionamento de que fala Benjamin e que, aliás, foi o que terminou por retê-lo, além da conta, na Europa, ao longo dos perigosos anos 1930, a perambular pelas galerias, qual *flâneur* baudelairiano.

Dir-se-ia, em suma, que ali onde a Beleza foi injuriada – como resumiu Rimbaud, discípulo de Baudelaire horrorizado pelos empregos de um século manual e servil, que jura que nele não porá suas mãos de escritor⁹ –, Olgária a apanhou e a sentou no colo, continuando a revolta dos poetas malditos, um lustro depois, pela via contrária, a do culto do belo. Mais formidável ainda é que, na esfera mágica que a poesia traça nos desenvolvimentos olgarianos, juntamente com os poetas rebeldes da era das mercadorias, com seus temas desaturizados, entram os poetas dos mais

⁵ MATOS, Olgária. *Benjaminianas. Cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 249.

⁶ MATOS, Olgária. “Em busca da delicadeza perdida: da Belle Époque à estética da moeda”, In: Alexandre Bebiano de Almeida e Philippe Willemart (org.), *Proust 2011. Encontro Internacional de Pesquisadores Proustianos*. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 244.

⁷ MATOS, Olgária. *Adivinhas do tempo*. Op. cit., p. 75.

⁸ MATOS, Olgária. *Gemas da terra. Imaginação, estética e hospitalidade*. São Paulo: Edições SESC, 2010, p. 34.

⁹ RIMBAUD, Arthur. *Prosa poética*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p.135.

remotos tempos olímpicos. Afinal, são eles que dão forma aos deuses. Em Olgária, fazer-lhes apelo é estilema.

Perguntava-se Mallarmé, em *Os deuses antigos*, pequeno tratado mitológico para as salas de aula de sua época positivista se, acaso, algum espírito imbuído de preconceito acreditaria que as divindades já não têm mais lugar na terra. Contra tal prevenção respondia acenando com a poesia: “Se os símbolos míticos foram destituídos da personalidade fabulosa que lhes concedeu a Antiguidade, a leitura das mais belas páginas das glórias de nossas Letras mostra que nada morreu de tudo aquilo que foi um dia o culto espiritual da raça”¹⁰. Ora, a julgar pelas entidades míticas que estão no centro vivo de sua argumentação contra o mundo por demais iluminado, isto é, controlado, a mesma pergunta e a mesma resposta subjazem aos escritos de Olgária. Efetivamente, também para ela, lendas fazem todo o sentido, aqui e agora, na ágora moderna. Visivelmente, a embriaguez com que se cumpre o trato do mundo antigo com o cosmos, antes que a ciência venha a desenfeitiçá-lo, a interessa.

É assim que tira lições de moralidade máxima dos mitos, indo nesse passo até mesmo a pontos recônditos de suas versões. Como faz com certo Hércules do ciclo do cativo na Lídia, que está fora da saga dos grandes trabalhos de força do herói. Algumas versões da lenda, entre elas a do poeta Robert Graves, contam que, apaixonado pela rainha Ônfale, a quem é condenado a servir, como escravo, ele depõe suas armas de guerreiro, troca de papel com a amada, vestindo-se de mulher, e põe-se a fiar a seus pés, dionisiacamente andrógino, ajudando-a com seus bordados¹¹. Nesta surpreendente revirada da saga do lutador invencível em marido domesticado, ela ousa ver uma bela nota do mitógrafo sobre a lealdade, o compartilhamento dos destinos e a horizontalidade das relações¹². É o mesmo ensinamento que, no preâmbulo da *Ilíada*, encontra no gesto de Páris, o raptor de Helena, quando este se dispõe a um enfrentamento direto com Menelau, para evitar um derramamento de sangue, na situação de guerra que o rapto desencadeou. O que a leva a comemorar, ao mesmo tempo, a atitude de Heitor, o general das tropas troianas, que recepciona a proposta de Páris, nisso apoiado por Agamêmnon, e pede aos aqueus que recolham suas flechas, em respeito ao ancião que veio parlamentar¹³. Para Olgária, são todos representantes daquele coração heleno antigo, que Nietzsche

¹⁰ MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres Complètes*. Édition établie et annotée par Henri Mondor et Jean Aubry. Paris, Gallimard-Pléiade, 1945, p. 1.167.

¹¹ MATOS, Olgária. “Um surrealismo platônico”, In: Aduino Novaes (org). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 318.

¹² Idem, ibidem, p. 318.

¹³ MATOS, Olgária. *Discretas esperanças. Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006, p. 54.

vê perecer no crepúsculo dos ídolos¹⁴.

Repare-se que a atribuição de elevação moral a estes protagonismos sem bravura bélica, menos viris que femininos, recepciona mais o *epos* heroico do que o comentário em que Adorno e Horkheimer envolvem o episódio da passagem de Ulisses pela ilha de Circe. De fato, um dos mais estimados *topos* de *A dialética do esclarecimento* é a argumentação dos dois filósofos no sentido de que, ao furtar-se à atração do canto das sereias, os ouvidos bem tapados, preso ao mastro de seu navio, na posição de imitador do amorfo, como presa que se encolhe, Ulisses estaria reprimindo impulsos, reduzindo o campo do espanto, preparando, enfim, o recalque racionalista de que depende a civilização¹⁵. Nesta interpretação, os céus já desceriam à terra, o destino já quase seria caráter. De algum modo, o timoneiro precavido já estaria a sós consigo, contando com seus pequenos recursos, como dirá Kafka¹⁶.

Há remissões obrigatórias a essa passagem do canto XII da *Odisseia* em estudiosos de Frankfurt, quando a explanar a crítica adorniana à razão instrumental e ao iluminismo, e assim também, em diferentes pontos do trabalho de Olgária. Mas se ela se associa à dupla em sua investida anti-luzes, temos motivos para pensar que tudo em sua investigação mitológica repudia a redução do estratagema do guerreiro que peleja por voltar aos braços de sua bordadeira, em ação não menos tramada nos céus, a simples diligência proto-burguesa.

Como poderia ser diferente se ela sabe que não desprezamos Perseu por também esquivar-se da Medusa, outra entidade feminina, quando a golpeia de través, quer dizer, de algum modo fechando os olhos, guiado pelo reflexo do monstro no escudo espelhado de seu escudo? Não foi Siegfried Kracauer, este outro frankfurtiano sublime, que não fez por menos que alinhar o escudo de Perseu ao écran do expressionismo alemão, quem considerou tal despiste de boa pedagogia, segundo ele capaz de levantar o véu de invisibilidade do real extremo que não integramos?¹⁷ De resto, como ainda dirá Kafka, quem garantiria que as sereias de fato cantaram, daquela feita, e que o estratagema do herói perseguido por Poseidon termina nele mesmo?

É com a mesma disposição – poder-se-ia continuar pensando –, que a filósofa toma contraintuitivamente o partido do Descartes joguete do gênio do mal, o que ouve vozes, o que delira, preferindo-o ao Descartes das certezas. O faz simplesmente

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. A filosofia a golpes de martelo. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, p.16.

¹⁵ ADORNO, Theodor. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985, pp. 44-45.

¹⁶ KAFKA, Franz. “O canto das sereias”, In: *Narrativas do espólio*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.104.

¹⁷ KRACAUER, Siegfried. *Theory of film*. The redemption of physical reality. New Jersey, Princeton University Press, 1997, p. 305.

porque o primeiro não está desgarrado da sensibilidade, não trocou a vidência pela evidência. O faz sabendo, via Nietzsche, que não é natural à natureza ser conhecida, logo, que é inumano conhecê-la¹⁸. E que até Sócrates tinha seu “bom demônio”, como Baudelaire, Satã¹⁹.

*

Há outros eventos divinos não helenos em perspectiva nos ensaios de Olgária, que não deixa escapar que pertencia ao *ethos* grego reverenciar até mesmo o deus desconhecido²⁰. Dois dos mais insistentes deles são a maldição babélica e o milagre linguístico de Pentecostes, motivos míticos por ela visitados e revisitados, quando a apreciar a escola de tradução de Haroldo de Campos, concordando com o poeta quando pensa que a confusão dos idiomas, nunca completamente resolvida nas traduções, aproxima os sujeitos falantes e desdiz a desdita da segregação entre os homens. Mesmo porque ela sabe que Haroldo é o primeiro a referir e cultivar a “A tarefa do tradutor” de Benjamin, obra que se constitui, aliás, originalmente, num prefácio para uma tradução alemã da seção dos “Tableaux parisiens” de Baudelaire, como lembra. Nesta acepção, que Haroldo faz sua, língua e experiência não se separam, como no mito adâmico, em que a árvore do fruto proibido é dita do saber, e as línguas se correspondem, donde poderem justamente passar de uma para a outra, como se recordassem uma consanguinidade anterior e um conhecimento, uma essência espiritual, de antes da queda. É inseparável disso a atenção que Olgária também presta em Jacques Derrida, outra referência de Haroldo de Campos e outro pensador da tradução sob o signo da maldição divina a conjecturar que a multiplicação das línguas é sinal de seu inacabamento e promessa de sua reconciliação – veja-se seu *Des tours de Babel* –, afirmava ter uma única língua, e que ela não era a sua²¹.

Aproveite-se a presença de Haroldo e Derrida à argumentação de Olgária em torno da convivência idiomática dos tradutores para se arriscar aqui mais um palpite. À retrospectiva, uma das particularidades mais instigantes desta declinação de Frankfurt parece ser o acento que põe no entendimento da História como sincrônica, sem começo, meio e fim, ou a destempo, já que a hipótese é alarmante numa cultura

¹⁸ MATOS, Olgária, *Polifonia da razão. Filosofia e educação*. São Paulo, Editora Scipione, 1997, p.136.

¹⁹ MATOS, Olgária. “Baudelaire: antíteses e revolução”, In: *Álea Estudos Neolatinos*, vl. 9, n. 1, janeiro-junho, 2007, p.100.

²⁰ MATOS, Olgária, “Ethos e amizade. A morada do homem”, In: *Revista Ide*, vl. 31, no. 46, 2008, p. 2.

²¹ MATOS, Olgária, “Derrida: da razão pura à razão marrana” in *Psicologia USP*, vol. 27 no. 3 São Paulo, set/dez 2016, p. 259.

universitária brasileira marcada pelo privilégio estamental da Sociologia, ciosa da formação da nação e das origens estáveis e, logo, aversiva à língua do outro. Está-se falando do grande apreço de Olgária pela voragem temporal que faz comunicar épocas e recordações, como é próprio das bibliotecas guardiãs da eternidade²². É esse entendimento da História arqueológica e arquetípica, livre da pressuposição dos ciclos findos e conclusos, que preside à sua lógica das ressurgências. É nesta dimensão transtemporal que Maio de 68 é visto reatualizando as jornadas de julho de 1848, em que Baudelaire, aliás, se envolveu, e os trinta e poucos dias da Comuna de 1871, a que Rimbaud adolescente também quis se juntar. É essa mesma História transversal – somos lembrados por ela –, que já ensinava a Robespierre pensar que Roma antiga era um passado carregado de *Jetztzeit*, ou de *agoridade*, como diria Haroldo, e que a Revolução Francesa se estendia no tempo como uma Roma recomeçada. Não está longe disso a nota de Marx, corrigindo Hegel, acerca da História que se produz duas vezes, a segunda como farsa²³.

É claro que o fato de Benjamin lidar, em *O drama barroco alemão*, com um gênero que não conhece nenhuma escatologia²⁴, além de manejar o eterno retorno nas *Teses sobre o conceito de História*, sob o amparo de um Anjo da História que avança olhando para trás, tem a ver com isso. Nesta temporalidade, que Benjamin admite implicar uma revolução copernicana em relação ao materialismo histórico, o desenrolar dos acontecimentos não é progressivo mas descontínuo. Os episódios não são inteiros, mas partidos. Ao observador cabem rastros fantasmáticos – ou “vestígios”, como diria Olgária, que assina uma coletânea com esse nome –, para uma remontagem dos fatos, relidos pela memória. Nesta perspectiva, aliás, os próprios fatos ditos atuais não o são. Lemos em *Passagens* que “sua constatação é tarefa da recordação”²⁵, donde justamente Proust.

Mas se o fundamento é benjaminiano, é admirável como Olgária se sente livre, aqui no país das ideias fora do lugar, em que as formas são dadas por sociais e os autores e obras põem-se no compasso cronológico da formação, para manejar sua heterotopia. Trata-se de prerrogativa tão mais instigante quanto se sustenta a salvo de um discurso mandarinal vigente no próprio “departamento francês de ultramar” em que a professora trabalha. Recinto acadêmico onde, como se sabe, os deuses da Sociologia, que sabem dos começos e dos fins, disseminaram uma inquietação acerca

²² MATOS, Olgária. “A biblioteca: o cosmopolitismo do espírito”, Op. cit., p. 38.

²³ MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*. A escola de Frankfurt. A melancolia e a revolução. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 35.

²⁴ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Paulo Sergio Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 90.

²⁵ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Organização Willi Bole. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 962.

das influências europeias a pairar sobre a feição própria do filosofar brasileiro.

Essa resistência à sustentação do lugar empírico das ideias acaba tendo uma interessante consequência prática: a criação de uma Cátedra Edward Said de Estudos Contemporâneos, na Universidade Federal de São Paulo. Aqui novamente, Olgária vai contra a *doxa*. O titular da cadeira é sem pertencimento nacional. Trata-se de um palestino-novaiorquino nascido em Jerusalém, de família árabe cristã anglicanizada, que é criado no Cairo, quando cidade britânica, em meio predominantemente muçulmano, depois enviado adolescente a esta nação de imigrantes que são os Estados Unidos, onde frequenta Harvard e ganha a cidadania norte-americana. A Palestina de sua primeira infância virou Israel. Uma guerra viria a se declarar entre as duas partes. Há aí um enclave de ordens kafkiano. Não espanta que haja aí também um elã goetheano de universalidade.

De fato, é sob o amparo da *Weltliteratur* de Goethe, que escreveu uma coletânea poética “entusiasmada” pelo Islã²⁶, que o homenageado de Olgária vai criar um projeto de workshop musical sem fronteiras, com tudo para ser uma versão contemporânea do Divã Ocidental-Oriental. O feito resulta de uma parceria com este outro estrangeiro em sua própria casa que é o judeu-argentino Daniel Barenboim, músico e crítico musical como Said. Deste primeiro projeto desmembra-se um segundo, uma impensável *Weastern and Eastern Orchestra*, reunindo instrumentistas israelenses, palestinos, turcos, iranianos. Em 1999, quando dos 250 anos do nascimento de Goethe, a orquestra apresenta-se em Weimar, *locus* goetheano, para celebrar a data. Em 2001, executaria nada menos que Wagner no mais implausível dos lugares: Jerusalém. Junto com a exemplaridade do cosmopolitismo que Olgária enaltece, o experimento ressoa o *Crepúsculo dos ídolos no ponto* em que Nietzsche aduz que Goethe “buscou uma universalidade na compreensão e na aprovação, um deixar tudo aproximar-se, um ousado realismo”²⁷.

Muito ativa, desde 2015, quando é fundada, a cátedra Edward Said tem trazido a São Paulo eruditos arabizantes para tratar de temas como as relações entre o legado de Galeno e a tradição médica árabe, o medievo islâmico e o judaico, o Mediterrâneo ocidental e oriental, o sagrado no Levante e no Ocidente. As conferências já começam a ser recolhidas em volumes. Os encontros promovidos são convites a viagens ao *inteiramente outro*. “De todos os tempos e lugares, os livros que se leem constituem um percurso interior que vincula cada um a uma memória; neles se deposita um passado que não é só nosso e ao qual se acrescenta um novo”, afirma

²⁶ SAID, Edward, BARENBOIM, Daniel. *Paralelos e Paradoxos*. Reflexões sobre música e sociedade. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 25.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos. A filosofia a golpes de martelo*. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006, p. 83.

Olgária em *Diálogo das civilizações*, o primeiro dos volumes a resumir os trabalhos da cátedra²⁸.

O espírito alexandrino reina. “A Biblioteca existe *ab aeterno*”, escreveu Borges²⁹. Com isso, voltamos a Benjamin.

Bibliografia

Obras de Olgária Matos

MATOS, Olgária. *Rousseau - Uma arqueologia da desigualdade*. São Paulo, MG: Editores Associados, 1978.

_____. *Os arcanos do inteiramente outro. A escola de Frankfurt. A melancolia e a revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

_____. *Polifonia da razão. Filosofia e educação*. São Paulo, Editora Scipione, 1997.

_____. *Vestígios*. Escritos de filosofia e crítica social. São Paulo, Palas Atena, 1998.

_____. “Babel e Pentecostes- Heterofilia e Hospitalidade”, In: Leda Tenório da Motta org. *Céu Acima. Para um Tombeau de Haroldo de Campos*, São Paulo, Perspectiva, 2003.

_____. “Um surrealismo platônico”, In: Aduino Novaes (org). *Poetas que pensaram o mundo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Discretas esperanças*. Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

_____. “Baudelaire: antíteses e revolução”, In: *Álea Estudos Neolatinos*, vl. 9, n. 1, janeiro-junho, 2007.

_____. *Adivinhas do tempo. Êxtase e revolução*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

_____. “Ethos e amizade. A morada do homem”, In: *Revista Ide*, vl. 31, no. 46, 2008.

²⁸ MATOS, Olgária. “A biblioteca: o cosmopolitismo do espírito”, In: Olgária Matos, Denise Milan, Javier Amadeo (org.) *Diálogo das civilizações*. São Paulo: Editora Unifesp, 2017, p. 38.

²⁹ BORGES, Jorge Luis. “A biblioteca de Babel”, In: *Obras Completas*, vol. 1. Tradução de Flávio José Cardoso. São Paulo: Editora Globo, 1998, p.517.

- _____. *Benjaminianas*. Cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. *Gemas da terra*. Imaginação, estética e hospitalidade. São Paulo: Edições SESC, 2010.
- _____. “Camus e o Mediterrâneo: do absurdo ao sol do meio dia”, In: Aداuto Novaes org. *Mutações*. A invenção da crença, São Paulo, Edições SESC, 2011.
- _____. “Em busca da delicadeza perdida: da Belle Époque à estética da moeda”, In: Alexandre Bebiano de Almeida e Philippe Willemart (org.) *Proust 2011. Encontro Internacional de Pesquisadores Proustianos*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- _____. “Derrida: da razão pura à razão marrana” in *Psicologia USP*, vol. 27 no. 3 São Paulo set/dez 2016.
- _____. “A biblioteca: o cosmopolitismo do espírito”, In: Olgária Matos, Denise Milan, Javier Amadeo (org.) *Diálogo das civilizações*. São Paulo: Editora Unifesp, 2017.

Outras referências

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- BAUDELAIRE, Charles, “Espanquem-se os pobres”, In: *O Spleen de Paris*. Tradução de Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*, Obras Escolhidas II. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Passagens*. Organização Willi Bole. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Paulo Sergio Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BORGES, Jorge Luis. “A biblioteca de Babel”, In: *Obras Completas*, vol. 1. Tradução de Flávio José Cardoso. São Paulo: Editora Globo, 1998.
- KAFKA, Franz. “O canto das sereias”, In: *Narrativas do espólio*. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KRACAUER, Siegfried, *Theory of film*. The redemption of physical reality. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- MALLARMÉ, Stéphane, *Oeuvres Complètes*. Édition établie et annotée par Henri Mondor et Jean Aubry. Paris: Gallimard-Pléiade, 1945.
- NIETZSCHE, Friedrich, *O nascimento da tragédia*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. A filosofia a golpes de martelo. Tradução, notas e prefácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

RIMBAUD, Arthur, *Prosa poética*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward, BARENBOIM, Daniel. *Paralelos e Paradoxos. Reflexões sobre música e sociedade*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em 15.10.2018.

Aceito para publicação em 30.10.2018.

© 2018 Leda Tenório da Motta. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).